



Juntos no Caminho de Páscoa

Levar Jesus a todos e todos a Jesus



SERVIR E ACOLHER A TODOS



SERVIR E ACOLHER A TODOS

1. Introdução

Nesta etapa do nosso «Caminho de Páscoa», dedicado ao trilho «Servir e Acolher a todos», optamos por abordar o tema de forma um pouco mais extensa do que o habitual, permitindo que as duas dinâmicas centrais - o serviço e o acolhimento - sejam apresentadas e explicadas com maior clareza e profundidade. Dessa forma, todos terão a oportunidade de compreender melhor a dimensão do serviço cristão e a importância do acolhimento na vida das comunidades.

1.1. A dimensão do serviço cristão

1.1.1 O serviço como essência da missão cristã

O serviço cristão encontra a sua origem e modelo no próprio Deus encarnado, Jesus Cristo, que «não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida em resgate por todos» (Marcos 10, 45).

O serviço cristão encontra a sua fonte na vida do próprio Jesus Cristo. A lógica que preside é de despojamento e doação. O exemplo concreto de Jesus, baixando-se, fazendo-se servo e lavando os pés dos discípulos (João 13, 1-15), revela perfeitamente esta atitude. Jesus não oferece um gesto simbólico, mas revela a essência do ministério cristão.

1.1.2 Os dons para o serviço

A comunidade cristã é enriquecida por uma diversidade de carismas distribuídos pelo Espírito Santo precisamente para o serviço eficaz: «Como bons administradores das várias graças de Deus, cada um de vós ponha ao serviço dos outros o dom que recebeu» (1^a Pedro 4, 10).

Esta diversidade de dons conduz à corresponsabilidade na missão. Todos os membros da comunidade são portadores de dons essenciais para a missão da Igreja. A parábola dos talentos (Mateus 25, 14-30) explica claramente o que Deus espera de cada um segundo a medida do que recebeu.

1.1.3 O serviço é multiforme

O serviço cristão autêntico não se resume a ações externas ou programas assistenciais, por mais bem organizados que sejam. O seu fundamento primeiro é a escuta atenta e respeitosa do outro, nas suas necessidades e aspirações.

Escutar significa reconhecer o outro na sua dignidade fundamental, implica superar visões utilitaristas ou paternalistas que, mesmo inconscientemente, podem infiltrar-se nas práticas caritativas. O serviço cristão não visa primariamente «fazer algo pelo outro», mas estabelecer uma relação autêntica de proximidade que possibilite um caminho comum de crescimento humano e espiritual.

Se o serviço cristão é dirigido a todos, ele manifesta uma clara prioridade pelos mais vulneráveis e marginalizados. Esta não é uma escolha arbitrária ou ideológica, mas fidelidade ao exemplo de Jesus. «Há que afirmar sem rodeios que existe um vínculo indissolúvel entre a nossa fé e os pobres» (Francisco, *Evangelii Gaudium* 48). Os pobres ocupam um lugar especial no coração de Deus (cf. Francisco, *Evangelii Gaudium* 197). Cada cristão e comunidade são chamados a ser um instrumento de Deus ao serviço da libertação e promoção dos pobres, para que possam ser plenamente integrados na sociedade. O serviço cristão contribui para a construção de estruturas mais justas e fraternas.

Esta opção preferencial pelos pobres não se limita à assistência material, mas inclui uma preocupação espiritual prioritária. Servir os pobres significa também oferecer-lhes amizade, benção, a Palavra, a celebração dos sacramentos e um caminho de crescimento na fé (cf. Francisco, *Evangelii Gaudium* 200).

1.1.4 Dar Cristo significa dar amor

O serviço não é apenas uma entre muitas atividades cristãs, mas constitui a própria essência da missão confiada por Cristo à sua Igreja. Inspirado pelo exemplo de Jesus, motivado pelo cuidado profundo com as necessidades dos outros, realizado com os dons específicos concedidos por Deus, vivido em comunhão eclesial e dirigido preferencialmente aos mais vulneráveis, o serviço cristão manifesta a autenticidade do seguimento de Jesus. A vocação ao serviço não está reservada a especialistas ou profissionais da caridade, mas aplica-se a todos, sem exceção. Quando a comunidade cristã assume plenamente esta vocação de serviço, ela não apenas realiza boas obras, mas torna-se o que é chamada a ser: sacramento visível do amor de Deus no mundo. Numa sociedade marcada pelo individualismo, consumismo e indiferença, o testemunho de uma comunidade servidora, atenta especialmente às necessidades dos mais vulneráveis, constitui um sinal profético e uma oferta de esperança. «Dar Cristo significa dar amor, dar testemunho daquela caridade que está pronta para tudo.» (Leão XIV, Discurso aos participantes do Jubileu dos Representantes Pontifícios, 10 de junho de 2025).

1.2. A importância do acolhimento na vida das comunidades

1.2.1 Acolhidos por Deus

A missão de acolher não é apenas uma atividade que a Igreja realiza entre tantas outras; é uma dimensão constitutiva da sua própria identidade. No seu fundamento mais profundo, a Igreja é definida como a «casa aberta do Pai» e como uma «mãe de coração aberto», onde há lugar para todos, independentemente das circunstâncias da sua «vida fatigante» (cf. Francisco, *Evangelii Gaudium* 46-47). Este caráter acolhedor da Igreja tem a sua origem na própria experiência fundante da fé cristã: somos primeiramente acolhidos por Deus e, como consequência natural, tornamo-nos acolhedores dos outros.

São assertivas as palavras do apóstolo Paulo: «acolhei-vos uns aos outros, na medida em que também Cristo vos acolheu, para glória de Deus» (Romanos 15, 7). O acolhimento não é, portanto, uma estratégia pastoral opcional ou um método evangelizador entre outros possíveis, mas o reflexo da própria natureza divina que se manifesta no povo santo de Deus.

1.2.2 A dimensão sacramental do acolhimento

O acolhimento na Igreja transcende a simples cordialidade social ou etiqueta comunitária para adquirir uma profunda dimensão sacramental. «Quem vos recebe, a mim recebe» (Mateus 10, 40) - eleva o acolhimento à categoria de sinal eficaz da presença divina. A hospitalidade torna-se, assim, um verdadeiro «sacramento» que gera laços de misericórdia fraterna, com o poder de converter o coração daqueles que acolhem e são acolhidos.

O acolhimento cristão encontra, assim, o seu paradigma perfeito na pessoa de Jesus Cristo, cujo modo de relacionar-se com os outros constitui o modelo definitivo para a prática eclesial. Jesus sempre acolheu todas as pessoas e encontrou tempo para se aproximar delas.

Por outro lado, por exemplo, no encontro com Marta e Maria, Jesus permite-se ser acolhido, ensinando que o acolhimento não é apenas dar, mas também receber. No caminho de Emaús, Jesus faz-se companheiro de viagem, acolhendo confidências e partilhando vida, palavra e pão. Estes dois momentos revelam que o acolhimento cristão é sempre recíproco: quem acolhe é também acolhido, gerando uma experiência de comunhão autêntica.

1.2.3 Para uma cultura de acolhimento

O acolhimento autêntico não se limita a gestos isolados ou iniciativas pontuais, mas exige o desenvolvimento de uma cultura de hospitalidade que permeie todas as dimensões da vida eclesial.

A prática do acolhimento não é um fim em si mesma, mas está intrinsecamente ligada à missão evangelizadora da Igreja. A hospitalidade é a postura de um coração missionário, é vital para partilhar a Boa Nova do amor redentor de Deus.

Num mundo onde tantos se sentem marginalizados, esquecidos ou desconectados, a experiência de ser genuinamente acolhido numa comunidade cristã pode constituir uma primeira e poderosa experiência do amor de Deus. «Acolher Cristo e ser acolhedor como Ele, faz toda a diferença.» (D. José Cordeiro, O acolhimento na liturgia para a missão da Igreja. Da hospitalidade à proximidade, Boletim de Pastoral Litúrgica n.º 181-182). Por isso, não é exagerado afirmar que o acolhimento é uma forma eficaz de revitalizar uma paróquia, conectando-a novamente com a sua missão fundamental. A hospitalidade intencional ajuda a criar ligações genuínas e promove o crescimento espiritual, mostrando às pessoas que são valorizadas e que nos importamos com elas. Deixa de ser uma mera presunção de pertença, passando a uma ação consciente.

1.2.4. O sacramento do hóspede

A Igreja é essencialmente acolhedora porque reflete a natureza de Deus, que primeiro nos acolheu em Cristo. O acolhimento não é, portanto, algo que a Igreja faz, mas algo que a Igreja é.

Esta compreensão do acolhimento como identidade, e não apenas como atividade, tem profundas implicações para a vida eclesial. Significa que todas as dimensões da existência da Igreja devem ser avaliadas e configuradas a partir desta vocação fundamental de acolher a todos, nomeadamente, e sobretudo, aqueles que, por alguma razão, se sentem à margem, afastados do seio da comunidade.

Construir uma cultura de hospitalidade na Igreja não é um projeto pontual com início e fim definidos, mas um processo contínuo que requer consistência, paciência e uma visão clara. É um caminho de conversão pastoral permanente, pelo qual a comunidade eclesial se configura cada vez mais plenamente à sua identidade como casa aberta, onde todos podem encontrar o seu lugar, pois «acolher um hóspede é receber Cristo em pessoa. O sacramento do hóspede gera laços de misericórdia fraterna, que convertem o coração e nos tornam mais humanos e verdadeiros discípulos de Jesus Cristo. Só o amor converte!» (D. José Cordeiro, *O acolhimento na liturgia para a missão da Igreja. Da hospitalidade à proximidade*, Boletim de Pastoral Litúrgica n.º 181-182).

2. Refletir

«Acolhei-vos uns aos outros, na medida em que também Cristo vos acolheu, para glória de Deus.» (Romanos 15, 7)

- Em que momentos da minha vida me senti verdadeiramente acolhido e como é que essa experiência influenciou a minha capacidade de acolher os outros?
- De que forma posso superar os meus preconceitos e receios para acolher aqueles que são diferentes de mim, reconhecendo a dignidade inerente a cada pessoa como filho(a) de Deus?
- Como posso integrar o serviço e o acolhimento no meu dia a dia, transformando as minhas interações diárias em oportunidades para manifestar o amor de Cristo aos outros?
- Como podemos equilibrar o «dar» e o «receber» nas nossas relações comunitárias, reconhecendo que o acolhimento cristão é sempre recíproco e gera uma experiência de comunhão autêntica?

3. Rever

Somos convidados a analisar o modo como diferentes aspectos do trilho Servir e Acolher a todos podem ser melhorados, pois «só somos verdadeiramente a Igreja do Ressuscitado e discípulos de Pentecostes se entre nós não houver fronteiras nem divisões, se na Igreja soubermos dialogar e acolher-nos mutuamente,

integrando as nossas diversidades, e se, como Igreja, nos tornarmos um espaço acolhedor e hospitalero para todos» (Leão XIV, Homilia da Solenidade de Pentecostes, 8 de junho de 2025).

As questões abaixo formuladas podem ajudar-nos a rever e discernir as boas práticas que já implementamos nas nossas comunidades e o que pode e deve ser reforçado, para valorizar estas duas dimensões – serviço e acolhimento - não como meras atividades pastorais opcionais, mas como expressão da própria natureza da Igreja, que reflete o abraço misericordioso de Cristo a todos e se põe ao serviço da humanidade, seguindo o exemplo d'Aquele que «não veio para ser servido, mas para servir».

- De que forma a nossa paróquia ou comunidade se inspira no exemplo de Jesus Cristo, que veio para servir, ao planear e executar as suas atividades pastorais e de serviço à comunidade? O serviço da paróquia reflete o despojamento e a doação, à semelhança de Jesus lavando os pés dos discípulos?
- Como identificamos e valorizamos os diversos carismas e dons presentes na nossa comunidade paroquial para promover um serviço eficaz e corresponsável, conforme mencionado em 1^a Pedro 4, 10?
- De que forma a paróquia ou comunidade incentiva os paroquianos a usar os seus talentos, à semelhança da parábola de Mateus 25, 14-30?
- De que maneira a nossa paróquia pratica a escuta atenta e respeitosa das necessidades e aspirações dos membros da comunidade, especialmente dos mais vulneráveis, superando visões utilitaristas ou paternalistas?
- Como é que a nossa paróquia ou comunidade demonstra uma opção preferencial pelos pobres e marginalizados, oferecendo não apenas assistência material, mas também amizade, apoio espiritual e oportunidades de integração na Igreja e na sociedade?
- Como é que a nossa paróquia ou comunidade demonstra uma opção preferencial pelos pobres e marginalizados, oferecendo não apenas assistência material, mas também amizade, apoio espiritual e oportunidades de integração na Igreja e na sociedade?
- Como é que a nossa paróquia ou comunidade vivencia o acolhimento como um «sacramento», um sinal eficaz da presença divina, gerando laços de misericórdia fraterna e promovendo a conversão dos corações, tanto de quem acolhe como de quem é acolhido?
- De que maneira a nossa paróquia ou comunidade promove uma cultura de hospitalidade que permeia todas as dimensões da vida eclesial, desde a liturgia até aos encontros informais, procurando revitalizar a paróquia e fortalecendo assim a sua missão evangelizadora?
- Como é que a nossa paróquia ou comunidade avalia e configura todas as suas atividades a partir da vocação fundamental de acolher a todos, especialmente os mais vulneráveis e marginalizados, reconhecendo que o acolhimento é algo que a Igreja é, e não apenas algo que a Igreja faz?

4. Discernir

«As etapas do discernimento eclesial podem ser articuladas de diversos modos, segundo os lugares e as tradições. Também com base na experiência sinodal, é possível identificar alguns elementos-chave que não devem faltar:

1. A apresentação clara do objeto do discernimento e o pôr à disposição informações e instrumentos adequados para a sua compreensão;
2. Um tempo conveniente para se preparar com a oração, a escuta da Palavra de Deus e a reflexão sobre o tema;
3. Uma disposição interior de liberdade em relação aos próprios interesses, pessoais e de grupo, e o empenho na busca do bem comum;
4. Uma escuta atenta e respeitosa da palavra de cada um;
5. A procura de um consenso o mais amplo possível, que surgirá através daquilo que mais «faz arder os corações» (cf. Lucas 24, 32), sem esconder os conflitos nem procurar compromissos ao mais baixo nível;
6. A formulação, por parte de quem lidera o processo, do consenso alcançado e a sua apresentação a todos os participantes, para que manifestem se se identificam ou não com ele.

Com base no discernimento, amadurecerá a decisão oportuna que comprometa a adesão de todos, mesmo quando a própria opinião não foi acolhida, e um tempo de receção na comunidade, que poderá levar a verificações e avaliações sucessivas» (XVI Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos – Documento Final, 26 de outubro de 2024, n.º 84).

5. Decidir e Agir

Este caderno que preparamos, mais do que um simples material de estudo, é um convite à transformação pastoral. Cada secção foi pensada para guiar as comunidades paroquiais numa reflexão profunda sobre a sua própria realidade, ajudando a discernir, à luz do Evangelho, o modo como estes trilhos do «Caminho de Páscoa» se podem concretizar em cada contexto específico.

O quinto ponto (Decidir e Agir) representa o momento crucial em que cada grupo e comunidade assume o protagonismo do processo de renovação. Não somos receptores passivos de orientações, mas agentes ativos da transformação pastoral.

Este é o momento para reunirem, dialogarem, rezarem e, juntos, tomarem decisões concretas que façam da missão evangelizadora uma realidade palpável nas próprias comunidades. O documento é apenas um ponto de partida. O verdadeiro construtor de cada nova etapa da vida paroquial é sempre a própria comunidade, com os seus órgãos de participação e de comunhão.

O Caminho de Páscoa tem uma missão — «Levar Jesus a todos e todos a Jesus» — mas os caminhos para a alcançar têm de ser pensados, rezados e decididos por aqueles que conhecem intimamente as necessidades e possibilidades das suas comunidades. Eis a beleza da sinodalidade: unidade na missão, diversidade nos métodos, compromisso na participação ativa e criativa, sempre em comunhão com a Igreja Arquidiocesana.